

TEXTO IMPRESSO E TEXTUALIDADES ELETRÔNICAS

*Maurício Silva**

CHARTIER, Roger. *Os Desafios da Escrita*. São Paulo, Unesp, 2002.

Autor cuja versatilidade permite explorar assuntos tão diversos quanto a historiografia literária e a sociabilidade do século XVIII, a história cultural e a literatura de cordel, as formas de discurso escrito e o mundo da computação, Roger Chartier tem-se destacado no cenário acadêmico como um dos mais importantes pensadores da atualidade, dedicando-se sobretudo ao instigante universo das práticas de leitura.

Neste que é um de seus mais recentes livros publicados no Brasil (*Os Desafios da Escrita*. São Paulo, Unesp, 2002), Roger Chartier trata não apenas da questão da leitura sob uma perspectiva genérica, isto é, enquanto prática capaz de determinar a própria conformação do texto escrito, mas sobretudo como atividade em franca interação com o *desafiador* universo da textualidade eletrônica.

Iniciando, portanto, pela reflexão acerca das línguas na era da textualidade eletrônica, o autor afirma haver uma tendência à universalização da linguagem, a qual pode ser entendida a partir de três fatos distintos: primeiro, o domínio do inglês como língua de comunicação universal, o que, no limite, pode levar à destruição das diversidades lingüísticas; segundo, a recuperação – com

* Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Centro Universitário FMU (São Paulo) e do Centro Universitário Nove de Julho (São Paulo).

a difusão dos meios eletrônicos – de uma linguagem simbólica, não-verbal; terceiro, a ocorrência de uma redução/simplificação/abreviação do inglês, que passa a ser uma espécie de língua franca da era eletrônica.

Tais fatos contribuiriam sobremaneira para a abundância de textos que circulam pela rede eletrônica, ocasionando uma oferta de textos jamais vista antes: “monolingüístico ou poliglota, o mundo da comunicação eletrônica é um mundo da superabundância textual cuja oferta ultrapassa a capacidade de apropriação dos leitores” (p. 20). Como pensar, neste contexto, a questão da leitura? Segundo o autor, o primeiro passo talvez seja distinguir entre os diversos tipos de mutação/ruptura introduzida pela revolução digital: a primeira, relativa à ordem do discurso, já que em substituição aos vários suportes de leitura (livro, revista, jornal, diário etc.), surge o computador, incapaz de diferenciar os vários discursos a partir de sua própria materialidade, isso sem contar a leitura descontínua e fragmentária que a tela do computador acaba impondo; a segunda, relativa à ordem das razões, já que a textualidade eletrônica permite desenvolver argumentações segundo uma lógica baseada nos vínculos hipertextuais, não-lineares, modificando igualmente o modo de assinalar os créditos discursivos (notas de rodapé, referências etc.); a terceira, relativa à ordem das propriedades, uma vez que o texto eletrônico é um texto aberto, passível de modificações pelo leitor, de uma reescritura coletiva e polifônica.

Há que se assinalar, ainda, as diferenças entre a leitura dos textos na forma impressa e na forma eletrônica: a leitura do texto impresso pressupõe uma relação deste textos com outros que fazem parte de seu universo de conhecimento, enquanto que a leitura do texto eletrônico dispensa essas relações, tornando-se mais autônomo. Em resumo, a leitura do texto eletrônico revela-se mais fragmentária, independente do sentido do conjunto.

Pervagando por assuntos correlatos ao da intersecção texto impresso/texto eletrônico, Chartier estuda ainda as técnicas envolvidas na produção de textos escritos, na Era Moderna. Ressalta, neste contexto, a instabilidade dos textos, causada pelos erros

tipográficos, descuido dos revisores etc., o que coloca sob suspeita a idéia de texto original, na medida em que concorrem vários textos de um mesmo trabalho. E infere: “editar um trabalho não deve significar a recuperação desse texto inexistente, mas sim tornar explícito tanto a preferência dada a uma das diversas ‘formas registradas’ do trabalho quanto as escolhas concernentes à ‘materialidade do texto’” (p. 41). Usando o livro de Cervantes (*D. Quixote*) como exemplo, o autor questiona o método da crítica literária que desconsidera os efeitos de práticas tipográficas e afins (que, no final das contas, influenciam a linguagem literária), empregando anacronicamente categorias contemporâneas a textos compostos e colocados em circulação de acordo com critérios diferentes. Paralelamente a esse tema, Chartier elabora a questão fundamental do *processo* pelo qual os diferentes atores envolvidos nas práticas de produção, publicação e leitura dão sentido aos textos: “os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados” (p. 62). Tradicionalmente, as abordagens críticas do texto têm desprezado tanto as condições técnicas e materiais de produção textual quanto os modos de difusão dos textos, pautadas em conceitos como o de pureza da idéia artística, em ideários como o do texto original e inalterado, como a valorização do conteúdo em detrimento da forma (suporte) textual. Mesmo teorias contemporâneas afeitas à consideração de processos acabaram reforçando o processo de “abstração textual” (p. 63), como a bibliografia descritiva e analítica ou a abordagem desconstrutivista.

Faz-se necessário, diante de tal quadro, voltar-se contra essa “desmaterialização dos textos” (p. 64), relacionando a obra às “formas materiais de sua inscrição e de sua transmissão” (p. 64), próprias da época em que fora produzida, a fim de não se pecar por anacronismo. Em suma, “trata-se, antes de tudo, de encontrar quais foram as diferentes decisões e intervenções que deram aos textos impressos suas diferentes formas materiais” (p. 64).

Mas é num dos mais interessantes e lúcidos capítulos do livro, justamente aquele com que finaliza a coletânea, que Roger Chartier vai explorar a fundo algumas das idéias que compõem o conjunto de sua obra. Com efeito, em “Morte ou Transfiguração do Leitor?”, o autor parte da observação de Roland Barthes de que à morte do autor sucedia a onipotência do leitor, posição a que, por sua vez, sucederam-se vários diagnósticos assinalando a morte também do leitor, ocasionadas pelas transformações das práticas de leitura, pela instauração de uma crise da leitura e pelo triunfo das imagens e da comunicação eletrônica.

Tratando assim das revoluções por que passaram a produção/veiculação do texto, Chartier assinala a possível coexistência, nos próximos anos, dos três “modos de inscrição e de comunicação dos textos: a escrita manuscrita, a publicação impressa, a textualidade eletrônica” (p. 107). A partir desta constatação especulativa, o autor reflete sobre a nova forma de construção dos discursos eruditos e suas modalidades específicas de leitura, promovidas pela textualidade eletrônica, já que o livro eletrônico, por exemplo, representa novas maneiras de se relacionar com o discurso textual: “nesse sentido, a revolução das modalidades de produção e de transmissão dos textos é também uma mutação epistemológica fundamental” (p. 108). Com efeito, o livro eletrônico possibilita uma outra organização lógica e argumentativa da matéria textual, sobretudo por meio do hipertexto; ou uma outra forma de validação/comprovação das informações (notas, referências). A questão que se coloca, a partir destes pressupostos, diz respeito às conseqüências destas transformações para a leitura, dada a complexidade que elas sugerem: “a revolução do texto eletrônico é, de fato, ao mesmo tempo, uma revolução da técnica de produção dos textos, uma revolução do suporte do escrito e uma revolução das práticas de leitura” (p. 113).

Além disso, completa e finaliza o autor, são essas mesmas transformações que impõem uma reflexão acerca de categorias jurídicas, estéticas, administrativas ou biblioteconômicas relacionadas ao livro e à leitura. Em suma, sem representar o fim do livro ou a morte do leitor, esse novo suporte da escrita impõe “uma

redistribuição dos papéis na ‘economia da escrita’, a concorrência (ou a complementaridade) entre diversos suportes dos discursos e uma nova relação, tanto física quanto intelectual e estética, com o mundo dos textos” (p. 117). Neste complexo contexto, o papel das bibliotecas torna-se decisivo, primeiro coletando e protegendo as formas “antigas” de escrita, a qual reflete um modo singular de cultura textual; segundo, assegurando ao leitor o domínio das novas formas de escrito; terceiro, tornando-se um incentivo a uma maior sociabilidade em torno do livro e da leitura.

Escrevendo uma obra variada, mas que tem nas práticas de leitura e escrita seu fio condutor, Chartier promove uma verdadeira revisão tanto dos conceitos relacionados à escrita e à leitura quanto de idéias pertinentes à estética e à crítica, fazendo deste seu livro uma obra obrigatória a todos os que buscam no complexo universo da escrita eletrônica seus possíveis vieses humanos.